



Poços de Caldas

2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

EIXO TEMÁTICO: Educação e Diversidade.

FORMA DE APRESENTAÇÃO: Resultado de Pesquisa.

REFLEXÕES SOBRE A PERCEPÇÃO DA INCLUSÃO ESCOLAR: A PERSPECTIVA DE ALUNOS E ALUNAS.

Autores¹:

Leandro Veloso Silva;

Rafaella Cristina Campos;

José Ronaldo da Silva*;

Talita Aparecida Costa Alvarenga;

Michelle Aline Barreto.

RESUMO

Este estudo busca relatar parte de uma pesquisa, de caráter qualitativo e foi estruturado com base em uma revisão bibliográfica e a realização de uma intervenção pedagógica no formato de uma dinâmica, com alunos e alunas de escola pública e privada, instituições da cidade de Lavras. Movimentação que sustentou a investigação da perspectiva dos alunos e alunas da escola quando o assunto é 'inclusão escolar'. Essa investigação teve como objetivo a identificação da percepção dos/as alunos sobre o tema, possibilitando reflexões sobre as ações inclusivas da escola e o processo de interação e sociabilização inclusivos que podem oportunizar a educação de cada aluno e aluna. A partir do referencial teórico reconheceu-se que 'incluir' é promover convivência e compartilhamento de experiências entre pessoas com características diferentes, sendo estas diferenças físicas, emocionais e/ou mentais – cognitivas.

Palavras Chave: Inclusão escolar. Perspectiva. Educação.

1. INTRODUÇÃO: O CONTEXTO DA INCLUSÃO ESCOLAR NO BRASIL

A inclusão escolar no Brasil segue devagar, mas tenta avançar com todas as dificuldades e limitações encontradas. A LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9.394/96), em seu artigo 37, disserta que a educação básica deve fornecer 'oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho', o que legaliza a necessidade da escola se transformar e se adaptar para esse novo cenário. Seu artigo 96, prevê que os sistemas de ensino deveriam certificar e garantir o atendimento aos alunos com necessidades especiais, adequando seu currículo, métodos, recursos e organizações específicas para atender cada necessidade, mas não é a maior parte da realidade que se configura. (ROSIN-PINOLA; DEL PRETTE, 2014).

Nesse sentido, os/as educadores/as brasileiros/as tem o desafio de buscar por uma educação para todos, respeitando as diferenças, compreendendo os direitos do cidadão, eliminando estereótipos, promovendo equidade e além de tudo isso, buscando sempre por métodos de ensino-aprendizagem coerentes com o público, e capazes de, afetivamente, se relacionar com os alunos (RUIZ, 2008).

Por isso pensar sobre a inclusão escolar é instigante e desafiador para todos/as os/as professores/as, pois a escola consiste no primeiro espaço socialmente designado para que os primeiros desafios sociais e intelectuais sejam lançados ao sujeito social – aluno/aluna e sejam

¹ Os autores agradecem à Faculdade Presbiteriana Gammon – FAGAMMON, pelo apoio. Primeiro, segundo e quinto autores professores da FAGAMMON. Terceiro (apresentador) e quarto autores estudantes de Educação Física Licenciatura da FAGAMMON. Resumo expandido resultado de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Educação Física Licenciatura.



Poços de Caldas

2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

na medida do possível superados. É na escola que os limites e diferenças pessoais são colocados em evidência, na colisão da busca individual e coletiva por pertencimento e aceitação social e pessoal no grupo. E se não estivermos, enquanto educadores/as da escola, devidamente preparados para essas demandas, o que fazer?!...

Indagação que faz surgir muitas reflexões sobre como a educação inclusiva surge no contexto político brasileiro e indicando alterações drásticas no ambiente escolar, já que a LDBN enquanto lei propõe que todas as crianças, livremente com suas situações de desenvolvimento, tenham o direito de estar na escola e se desenvolver com apoio pedagógico e social, preferencialmente em salas de aulas regulares (MENDONÇA; SILVA 2015).

Ocorre que nesse cenário, não conseguimos discutir sobre inclusão sem tocar em seu lado negativo, a exclusão. Comumente conversa-se mais sobre exclusão do que inclusão, esse conhecimento parece mostrar-se de modo mais acentuado em nossa sociedade, comunidade, escola. O assunto inclusão/exclusão é bastante argumentado, nas áreas sociais, econômicas e políticas, mas o que na verdade se tem feito para atender alunos e alunas com características diferentes?!... Se historicamente em nossa constituição social, temos pessoas e grupos que excluem, e pessoas e grupos que são excluídas, em suma, uma prática opressiva entre essas posições que nos remetem a também refletir: Quem controlará?! E quem vai fazer parte ou não dos incluídos/excluídos?!... (KIBRIT, 2013).

O fato é que a criação de uma visão educacional inclusiva, onde o foco é a mudança das instituições escolares, seja estrutural, institucional ou pessoal para receber alunos/as com distintas condições de vida e necessidades educacionais se faz necessário, para que assim também tenhamos novas práticas sociais e políticas públicas capazes de acabar com a estrutura excludente que um dia existiu na escola.

Visão essa que por hora, mantém a situação de matricular os/as alunos/as com necessidades especiais nas instituições de educação regular, assegurando seu direito à educação, e oferecendo apoio educacional especializado, realizado nas salas de recursos multifuncionais, que se transformou na expressão mais representativa da educação inclusiva na escola pública brasileira (SANTOS; MARTÍNEZ, 2016).

As escolas regulares que tem inserida uma orientação inclusiva compõem os meios mais eficientes de lutar contra comportamentos discriminatórios, gerando grupos acolhedores e assim conseguir uma educação para todos (ROSIN-PINOLA; DEL PRETTE, 2014).

Dessa forma, as conversas sobre a inclusão surge, na maior parte, mantendo a sua criação funcionalista e salientando a defesa de condições para intervir sobre o ambiente, com a finalidade de que cada um possa executar sobre si mesmo processos autônomos (PAGNI, 2015). Sendo assim, precisamos questionar: qual a perspectiva de alunos e alunas quando o assunto é 'inclusão escolar'?!... Estes alunos e alunas tem vez e tem voz?!... Como eles percebem as diferenças?!...

Nesse sentido o objetivo maior, nesta investigação, possibilitar reflexões e reconhecer a percepção de alunos e alunas sobre o que vem a ser 'inclusão escolar', pois estão inseridos e se constituem socialmente por ações inclusivas na escola.

2. METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos utilizados na construção das discussões do tema deste estudo abordam num primeiro momento, os princípios de uma metodologia qualitativa de pesquisa, que consiste na busca pela compreensão do fenômeno, de forma descritiva e argumentativa sem levantamento de hipóteses ou relações causais. A metodologia qualitativa prevê que o objeto estudado, seja ele qual for, tenha manifestação autônoma e nuances peculiares ao olhar de cada pesquisador e de cada circunstância (RAMPAZZO, 2005). Em segundo momento, princípios e técnicas de uma abordagem de uma pesquisa bibliográfica, que pode se basear na análise da literatura já publicada (SILVA; MENEZES, 2001).



Poços de Caldas

2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

Num terceiro momento, para direcionar intencionalmente as interpretações da realidade, a realização de uma intervenção pedagógica no formato de uma dinâmica de sociabilização e interação de saberes – numa proposta realizada pela Educação Física – que caracteriza o processo como um estudo de caso por permitir, segundo Rampazzo (2005) a investigação de uma situação específica, que permite a observância do objeto de pesquisa, possibilitando dentro da especificidade, a compreensão do fenômeno que é manifesto em outras dimensões e situações, experimentadas.

3. REFLETINDO E RECONHECENDO A PERCEPÇÃO DA INCLUSÃO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DE ALUNOS E ALUNAS DA ESCOLA

Para tais reflexões e reconhecimentos, lançou-se mão de uma proposta executada na disciplina Educação Física. A atividade executada pautou-se em uma dinâmica de interação de saberes que efetivamente estimulou conversas e partilhas sobre ‘as diferenças’.

Para tanto, foram distribuído balões de diferentes cores para cada aluno/a de forma que cada um/a pode escolher sua preferida. Após a distribuição, foi pedido que enchessem os balões por um tempo de 10 segundos, e amarrassem para manuseá-los por um determinado tempo e determinação para em seguida dispor os balões no chão de forma a espalhá-los sem que estourassem. Feito isso, todo grupo foi reunido e direcionado a observar cada balão, seu movimento, sua cor formato, tamanho, dimensão, fragilidade, suas diferenças. Depois de observar e analisar, cada aluno/a pode contribuir com sua opinião sobre o significado do que estavam experimentando e também sobre as relações que puderam estabelecer na experiência do momento e de toda movimentação.

Nas explicações necessárias os balões constituíram a sociedade onde estamos inseridos, suas diferentes cores, dimensões, padrões e moldes que ficaram depois de cheios, representavam as diferenças e até as desigualdades de cada ser humano, de cada sujeito social. Mesmo com as diferenças, eles continuam com a mesma natureza, ainda são “balões” e cada um requer respeito e cuidado. Depois do esclarecimento, trocas e partilhas, os/as alunos/as tiveram a chance de falar e de expressar situações de indiferença e/ou exclusão por algum motivo.

Para todos os/as participantes, fica claro que somos diferentes e que pessoas com características diferentes, necessidades especiais, algum tipo de deficiência ou diferenças físicas, emocionais e/ou mentais - cognitivas exerce obrigações e finalidades relevantes no grupo onde está inserido na escola podem e muito contribuir para o progresso da concepção de pertencimento a este grupo. Ficou claro também, as percepções de que o/a aluno/a com tais características pode contribuir e proporcionar ao educador/a novos caminhos na interlocução de todo processo de ensino-aprendizagem que deve ser percorrido por todos, de forma adequada e adaptada a cada especificidade.

A inclusão deste aluno é vinculada aos padrões das relações sociais oferecidas, onde as mesmas precisam ser benéficas e aceitar que o mesmo se note recebido, respeitado por sua competência de executar um dever relevante no grupo. Deste modo, a pesquisa da inclusão de alunos com deficiência deve ganhar cada vez mais força e ter como eixo principal as expectativas e concepções do próprio aluno com deficiência, possibilitando o entendimento dos aspectos otimistas e pessimistas neste método. De modo global a vivência de estar englobado requer o melhoramento da organização escolar. Esta organização deve trazer a estruturação de um entendimento de harmonia entre os membros da escola (ALVES; DUARTE, 2014).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.



Poços de Caldas

2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

Refletindo um pouco mais, e de acordo com o referencial teórico de subsidio, percebe-se que realidade do/a aluno/a que experimenta ações de inclusão na escola devem e podem fazer parte de todo processo de ensino-aprendizagem com bases na equidade entre os sujeitos sociais da escola, fato que ainda é um grande desafio para o cenário educacional e para o contexto atual da/na escola.

Fica evidente que alunos e alunas da escola, pertencentes ou não as ações de inclusão, devem e podem contribuir para ações mais eficazes para o seu contexto de aprendizagem, principalmente se embasadas em princípios que respeitem as diferenças e a diversidade do contexto escolar. Nossas discussões e os referenciais abordados nos levam a crer que ainda há um longo caminho a percorrer, e sempre poderemos olhar para a trajetória já percorrida para reconhecermos onde continuar caminhando. A inclusão escolar pode se construir a todo o momento, a cada experiência, a cada vivência, assim como a percepção e perspectiva do próprio aluno/a pode contribuir para que tudo possa ser repensado, reconstruído e reconhecido a cada momento, a cada experiência, a cada vivência na/da escola...

4. REFERÊNCIAS

ALVES, Maria luiza tanure; DUARTE, Edison. **A percepção dos alunos com deficiência sobre a sua inclusão nas aulas de Educação Física escolar: um estudo de caso.** Rev Bras Educ Fís Esporte, (São Paulo) 2014.

KIBRIT, Bruna. **Possibilidades e desafios na inclusão escolar.** Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, 16(4), 683-695, dez. 2013.

MENDONÇA, Fabiana Luzia de Rezende; SILVA, Daniele Nunes Henrique. **A formação docente no contexto da inclusão: para uma nova metodologia.** Cadernos de Pesquisa v.45 n.157 p.508-526 jul./set. 2015.

PAGNI, Pedro Angelo. **Diferença, subjetivação e educação: um olhar outro sobre a inclusão escolar.** Pro-Posições | v. 26, n. 1 (76) | p. 87-103 | jan./abr. 2015.

RAMPAZZO, Lucas. **Metodologia Científica para Alunos dos cursos de Graduação e Pós-Graduação.** São Paulo. Edições Loyola. 3ª edição. 2005.

ROSIN-PINOLA, Andréa Regina; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. **Inclusão Escolar, Formação de Professores e a Assessoria Baseada em Habilidades Sociais Educativas.** Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 20, n. 3, p. 341-356, Jul.-Set., 2014.

RUIZ, Marcos Cruz. **A inclusão de portadores de necessidades especiais nas aulas de Educação Física.** Rondônia. 2008.

SANTOS, Geandra Cláudia Silva; MARTÍNEZ, Albertina Mitjás. **A Subjetividade Social da Escola e os Desafios da Inclusão de Alunos com Desenvolvimento Atípico.** Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 22, n. 2, p. 253-268, Abr.-Jun., 2016

SILVA, E.L. & MENEZES, E.M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** UFSSC, Florianópolis, 2001. Disponível em: <http://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia%20da%20Pesquisa%203a%20edicao.pdf>; Acesso em: 26/10/2017.